

PROJETO DE EXTENSÃO PENSÃO ASSISTIDA: OS PERCEPTOS E AFECTOS DO PROCESSO

OLIVEIRA, Iago Marafina¹; MORALES, Catiane Pinheiro²; PEREIRA, Maria Paula Soares³; NOGUEIRA, Maria Teresa⁴; KREUTZ, José Ricardo⁵

¹Graduando de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas. E-mail:

iagomarafinadeoliveira@gmail.com 1

²Graduanda de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas. E-mail:

catianemorales@gmail.com 2

³Graduanda de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas. E-mail:

paulasoarespereira@hotmail.com 3

⁴Mestre, Professora do Curso de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas. E-mail:

mtdnogueira@gmail.com 4

⁵Doutor, Professor do Curso de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas. E-mail:

jrkreutz@gmail.com 5

1. INTRODUÇÃO

Em março deste ano, começaram as atividades do Projeto de Extensão Pensão Assistida: Por uma saúde integrada (PREC/Psicologia/UFPel), com edital aprovado e financiado pelo PROEXT 2015. O projeto possui treze integrantes, sendo estes dez acadêmicos do curso de psicologia, uma acadêmica do curso de veterinária e dois professores coordenadores.

A Pensão Assistida é uma livre adaptação dos modelos de residenciais inclusivos, fruto das conquistas da Reforma Psiquiátrica no Brasil no campo da saúde mental, abrigando atualmente vinte e cinco moradores portadores de algum tipo de psicopatologia ou deficiência física, vítimas abuso, abandono ou negligência. O abrigo institucional está vinculado à Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, na categoria de Proteção Social Especial de Alta Complexidade/PSA do município de Pelotas. Apesar do serviço ter como norte a perspectiva antimanicomial, a instituição ainda apresenta muitas características asilares. No entanto, a abertura da referida secretaria para o extensionismo, nos parece, tencionam resistir a tais modelos.

Pensou-se, então, em um projeto de intervenção condizente com a luta antimanicomial, que possui objetivos muito maiores do que o fechamento dos hospitais psiquiátricos, mas o rompimento do instaurado paradigma da doença mental na contemporaneidade, que concebe o portador de psicopatologia como inválido e o classifica como anormal (Abou-Yd & Silva [s.d.] apud Lückmann e Rodrigues, 2007). Assim surgiu a ideia da oficina fotográfica Quimeras, inspirada a partir de conceitos da arte, filosofia e sociologia para a promoção de qualidade de vida dos moradores do abrigo e ser geradora de afecções na comunidade. Um exemplo conceitual é a adaptação das linhas de perceptos e afectos de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O que se conserva, a coisa ou obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos. Os perceptos não são mais percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si. (DELEUZE; GUATTARI, 1992)

Atualmente, as pessoas com transtornos mentais são mistificadas, transformando a loucura em uma quimera contemporânea, porque nela reside o lugar do expurgo, não deixando de ser também um bloco de sensações, transcendendo os indivíduos, cujo produto é impessoal. Desde a Grécia Antiga, a sociedade encontrava formas canalizar seus repúdios, anseios, medos e afins. Objeto de abominação do povo, eram a junção de tudo que os gregos julgavam mais monstruoso. Metade mulher, metade serpente, a Equidna se uniu ao gigantesco Tifão neste produto do imaginário popular. A mostra se propõe a uma vivência de desconstrução destes paradigmas, porque o expurgo também guarda potências criadoras.

2. METODOLOGIA

Antes mesmo do planejamento da intervenção, precisou ser pensado a qual tipo de modelo de oficina estaríamos construindo. Para isso, foi problematizado o conceito de “oficina”, partindo para a “oficina expressiva”, concebida como ferramenta de resistência criadora promotora de uma coexistência com aqueles que são considerados diferentes quando comparados às subjetividades uniformizadas. De acordo com CEDRAZ; DIMENSTEIN (2005, p. 309) a “ordem capitalística funciona no sentido de promover agenciamentos subjetivos segundo formas padronizadas, serializadas e homogêneas bloqueando a produção de modos de subjetividades singulares e de outros desejos”.

Para não reproduzir um antigo modelo de adaptação dos usuários de saúde mental aos protocolos clínicos tradicionais já existentes, as oficinas expressivas, ainda que com certo planejamento, precisam ser fluídas e dinâmicas. “Cada encontro é inusitado, e, no imprevisto, pode proporcionar aprendizagem, produção, intercâmbio, ampliação das relações e mergulho no universo cultural, permitindo ao sujeito escapar à imposição do que é massificado em sua rotina” (MENDONÇA, 2005).

O pressuposto é de que a oficina cria condições de possibilidade para novos modos de subjetivação a partir da relação com o a existência no espaço que os cerca, através da livre expressão fotográfica. A ideia é transformar todos em artistas produtores de afectos em uma mostra sobre esse novo olhar obtido, gerando outro bloco de perceptos a quem visitar a mostra.

É de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em

relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformar-nos com ele, ele nos apanha no composto. (DELEUZE; GUATTARI, 1992)

A partir da concepção do modo de trabalho a qual queríamos ser fundamentalmente fiéis, foi pensado em tópicos mais técnicos, como a distribuição das câmeras de forma democrática e como se daria a exposição fotográfica. Para expressarem seus afectos da forma mais espontânea-possível, cada morador é portador de um acervo pessoal, podendo escolher quais fotografias mais agradaram para a futura exposição, tendo acesso a edição e escolhendo legendas.

Também se realizam duas reuniões semanais com os coordenadores do projeto e a psicóloga do abrigo. Na primeira, são discutidos assuntos acerca do andamento das oficinas de cada bolsista e as problemáticas que se atravessavam no processo. Na outra, os temas giram em torno dos moradores e suas vidas, antes e depois da institucionalização, para um melhor entendimento da situação de cada um e como estes analisadores institucionais influenciam o trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa análise é que diversas interrogações se atualizam a partir destas fotos e que até o fim do projeto será possível realizar um trabalho somente neste sentido, com maior riqueza de detalhes e embasamento teórico no material que ainda virá a ser criado. Porém, ao longo deste processo, na necessidade de fluidez pensada previamente, se atravessou outra problemática passível de discussão: vivenciar outros espaços. Foi notado que este trabalho precisava transbordar os limites territoriais do abrigo para que não se tornasse as mesmas oficinas realizadas em serviços de saúde mental, onde algumas vezes não há preocupação em fazer com que a loucura ocupe outros lugares de uso coletivo e público, como galerias, praças, etc.

Nos modelos convencionais de oficinas, não se promove a desinstitucionalização dos usuários, mas os segregam em outros espaços institucionalizados para a expressão artística, como muitos residenciais terapêuticos, que se auto intitulam como inclusivas, alguns CAPS, enfim. Neste sentido, LANCETTI (2006) afirma que “a experiência da desconstrução manicomial nos ensinou a importância do dentro e do fora do estabelecimento, das bordas como espaço privilegiado de produção de subjetividade cidadã”. Assim, durante o Acompanhamento Terapêutico, eles começarão a documentar suas experiências de afetação fora da Pensão Assistida também, enriquecendo o projeto.

No I Sarau da Psicologia UFPel, surgiu a possibilidade de um adiantamento desta exposição, que especialmente neste evento foi somente em formato audiovisual, o que era de agrado a todos. O evento aberto a comunidade foi pioneiro para o curso e o curta “Quimeras” foi rodado algumas vezes na noite de primeiro de julho no Casarão 8, acabando por se tornar um gerador de impacto naqueles que compareceram. Já a mostra fotográfica ainda não ocorreu e está sendo planejada para o segundo semestre deste ano.

Os moradores se mostraram satisfeitos com o trabalho e apresentam empolgação no sentido de poder expressá-lo a outras pessoas. Além da oficina, estão sendo criados espaços para edição e seleção dessas imagens, que acabou por transformar este momento também como forma de resgate de memória através da dinâmica de fotos dialogadas.

4. CONCLUSÕES

Além do notável prazer dos moradores em participar do processo e o envolvimento crescente a cada semana, se percebe que as implicações do projeto até então se mostram muito positivas. Se atribui grande valia principalmente ao modelo de oficina pensado antes do início das atividades, porque é através deste que tentasse romper com o paradigma da loucura habitando a cidade e a cidade habitando a loucura. Ambos geram afectos, ambos geram perceptos, ambos coexistem. A cautela também sempre se faz necessária para que, em um mínimo ato, não estejamos reproduzindo velhos padrões de segregação. Por fim devemos destacar a relevância desta ação para prática extensionista a partir da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão através do impacto objetivo: dezesseis pessoas participaram diretamente, sendo estes treze moradores e trêsicineiros e noventa e quatro visitantes indiretamente no sarau.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.
- SATO, L. Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 217-225, 2009.
- COSTA, L.A. O Corpo das Nuvens: O uso da ficção na Psicologia Social. **Fractal**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 551-576, 2014.
- HERNANDES, K. M., BRUNIERA, M. S., LUZIO, C. A. Workshop on Psychosocial Care: Trials with the word. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 89-99, 2010.
- PÁDUA, F.H.; MORAIS, M. L. S. Oficinas expressivas: uma inclusão de singularidades. **Revista de Psicologia da USP**, São Paulo, v. 21, n. 2; p. 457-478, 2010.